

Regional

DISTRITO DE COLATINA

Viagem no tempo em Itapina

Maior sítio histórico do Estado guarda, além da arquitetura, relíquias centenárias de 11 países, que revelam a história da imigração

Nilo Tardin
COLATINA

No maior sítio histórico do Espírito Santo, o interior de alguns dos 125 casarões preservados por lei guarda relíquias de oito países conservadas com zelo pelos descendentes dos imigrantes que fundaram o distrito de Itapina, em Colatina, às margens do Rio Doce, no final do século XIX.

Além do casarão no estilo colonial e art décor, as peças são o que restou de uma época de luxo e esplendor, quando Itapina era o centro comercial, financeiro e social da região, habitado por famílias vindas de oito países: Itália, Alemanha, Portugal, Suécia, Holanda, Turquia, Síria e Líbano. Há registros também da passagem de franceses, norte-americanos e espanhóis.

Entre esses objetos há um raríssimo exemplar da Bíblia mais antiga do Estado com 300 anos, que ficou em Itapina por mais de 80 anos, trazida pelo missionário sueco Carlos Elof Svesson em 1928.

A portuguesa Sílvia da Purificação Felipe, 85 anos, ainda comanda um dos empórios mais antigos do Estado, montado com prateleiras e móveis do século XIX.

No local, ela ainda usa a caixa registradora de 90 anos, comprada por seu pai. "Papai comprou o casarão e casa de tecidos do Ackles Zouim, quando me casei, aos 20



SÍLVIA DA PURIFICAÇÃO mostra caixa registradora de 90 anos em seu empório. Máquina foi comprada pelo pai dela

anos", lembrou Sílvia.

O decreto de tombamento do Sítio Histórico de Itapina, publicado no último dia 27, abriu as portas do solitário vilarejo para reativar sua economia através do turismo, o tempo em que a cidade contava com agência bancária, concessionárias de carros, hospital e cinema.

"Por volta de 1960, com a erradicação dos cafezais, Itapina caiu", conta o secretário de Cultura de Colatina, Dimas Deptulski.

Segundo Dimas, Itapina abrigará o primeiro museu histórico do município. A reforma do casarão que abrigará o museu termina em setembro deste ano e ele deve ser aberto em fevereiro de 2014.

ursos de ensino médio (agricultura, agronomia e zootecnia) e dois superiores de Ciências Agrárias e Agronomia.

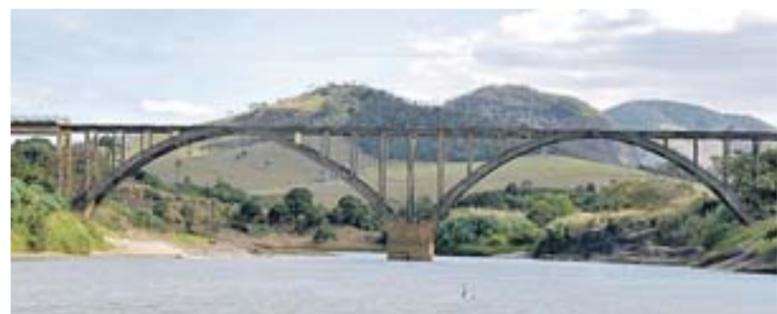
> A PONTE INACABADA sobre o Rio Doce não leva a lugar nenhum. A obra parou em 1950. O esqueleto é símbolo da decadência de Itapina.

> ITAPINA tem a maior Estação da Estrada de Ferro Vitória - Minas (EFVM) do Vale do Rio Doce. Em ruínas, a Prefeitura de Colatina cogita transformá-la numa biblioteca.

SAIBA MAIS

Itapina era a "Pérola do Rio Doce"

- > O CENTRO HISTÓRICO de Itapina ganhou o apelido de "Pérola do Rio Doce" na década de 40, quando o navio Juparanã fazia excursões recreativas ao distrito.
- > A PRIMEIRA linha telefônica pública do Norte do Estado foi instalada em Itapina, em 1950.
- > EM 1930 já tinha energia elétrica.
- > EM 1956 foi inaugurada a Escola de Ensino Agrícola, hoje campus do Instituto Federal de Ensino Tecnológico de Itapina (Ifes). Oferece três



PONTE inacabada sobre o Rio Doce é um dos símbolos do distrito de Itapina

Bíblia mais antiga do Estado

A Bíblia Sagrada mais antiga do Estado com cerca de 300 anos está intimamente ligada a cinco gerações da família Svesson no Brasil. O exemplar veio da Suécia na bagagem do missionário Carlos Elof



MIRIAM mostra Bíblia aos netos

Svesson em 1928 para cuidar da Igreja Batista de Itapina.

"O livro já era velho quando meu pai chegou do Rio Grande do Sul para Itapina. Ganhou diversos concursos como a mais antiga do Espírito Santo. Ficou de herança para uma sobrinha que mora em Belo Horizonte (BH)".

A vida do pastor Carlos Svesson foi narrada pelo seu filho Ulrich Elof Svesson no livro "Não a nós Senhor" que também relata partes da saga da colonização de Itapina.

Ulrich Elof era pai da empresária Miriam Svesson, que herdou a Bíblia com capa de couro e ilustrada a mão em bico de pena.

Questionada se a Bíblia sueca pode voltar a Itapina com parte do acervo do museu, Miriam diz: "Sou a guardiã do livro sagrado. Não a dona. É um caso a se pensar em família".

Casarão preserva mais de 250 peças italianas

Um casarão inteiro é decorado com mais de 250 peças da imigração italiana de Itapina, conservadas em perfeito estado pela dona de casa Tânia Becali, de 58 anos, que vive com o marido na residência que herdou dos pais, Luciano e Claudina Teresa Becali.

A mansão construída no começo do século XX para abrigar a sede do Partido Integralista Brasileiro virou um verdadeiro museu com mesas, cadeiras, cristaleira, cabideiros e utensílios usados pelos colonizadores para sobreviver em meio à mata, sem estradas, comunicação e água encanada.

RIQUEZA

O telefone de mais meio século ainda está em uso, a máquina de costura funciona, móveis e objetos da época de glamour e riqueza de Itapina ainda estão lá.

"O tombamento é desejo antigo dos moradores, apesar de alguns não entenderem bem a situação. A ideia de deixar Itapina intacta para as futuras gerações", disse Tânia.



TÂNIA mostra parte do seu acervo

ALGUMAS RELÍQUIAS



Cadeira de barbeiro

O comerciante Antônio Galter, 84 anos, ainda tem a cadeira de barbeiro centenária e as peças de corte, escova e borrifadores usados por seu pai na profissão.

Antônio é dono de uma das casas mais bem conservadas de Itapina.



Primeiro museu

O casarão onde morava a escritora Virgínia Tamanini está sendo reformado ao custo de R\$ 340 mil para abrigar as peças, segundo o secretário de Cultura de Colatina, Dimas Deptulski.

"Uma museóloga será contratada para capacitar estudantes de Itapina para virar 'caçadores de relíquias' na região".



Jarra de 120 anos

Uma jarra e bacia de porcelana com 120 anos é a relíquia de família conservada por Ivanir Venturoti Rosa, 80 anos.

A peça foi comprada pelo marido, Eugênio Rosa, (falecido) e doada à igreja como pia batismal.